

A palavra na vida e a palavra na crônica: a experiência vivida tecida por fios dialógicos

The Word in Life and the Word in the Chronicle: The Lived Experience Woven by
Dialogical Threads

Dioneia Foschiani Helbel¹

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO)
e-mail: dioneia_caji@hotmail.com

Resumo: Neste artigo, apoiamo-nos no conceito de palavra como signo ideológico, considerando os diferentes sentidos que pode tomar, conforme as situações extraverbais em que são enunciadas - e a ideologia da palavra como indissociável do seu emprego concreto - para compreender a formação da autoria no espaço escolar. Para tanto, desenvolvemos um experimento didático-formativo de natureza dialógica, com alunos dos cursos Técnico em Florestas do IFRO *Campus* Ji-Paraná, durante o qual eles criaram crônicas para postagem na rede social *Instagram* e para a publicação em um livro impresso. Aqui fazemos um recorte para pôr em discussão o enunciado de uma aluna-autora, materializado na crônica *Médico pra quê?*, na qual ela dialoga com alguns discursos sociais que buscaram minimizar a Covid-19 no Brasil. A análise, sustentada pelos postulados da Filosofia da Linguagem, em especial, os de Bakhtin e de Volóchinov, nos permite dizer que foi na tecitura do enunciado, no cruzamento das vozes sociais com as quais a aluna dialogou, que ela esculpiu sua crônica. Para tanto, empregou recursos estilísticos e composicionais, não de modo ingênuo, mas a partir dos sentidos construídos, com vistas a construir sua contrapalavra, ou seja, a palavra própria a partir da palavra alheia. Nesse sentido, a aluna-autora elaborou um projeto de dizer tecido por fios dialógicos, reforçando a ideia de que a palavra como enunciado é sempre carregada de tons valorativos e comporta duas faces - a exemplo da crônica *Médico pra quê?* - determinada tanto por quem procede, como para quem é dirigida: o outro-leitor.

Palavra-chave: Autoria. Contrapalavra. Enunciado.

Abstract: In this article, we rely on the concept of the word as an ideological sign, considering the different meanings it can take on depending on the extraverbal situations in which it is uttered and the ideology -of the word as inseparable from its concrete - use to understand the formation of authorship in the school environment. To this end, we developed a dialogical didactic-formative experiment with students from the Forest Technician courses at IFRO *Campus* Ji-Paraná, during which they created chronicles for posting on

¹ Doutora em Educação pela Unesp de Marília/SP, docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação de Rondônia *Campus* de Ji-Paraná e integrante dos Grupos de Pesquisa Implicações Pedagógicas da Teoria Histórico-Cultural e GELLIC.

the social network Instagram and for publication in a printed book. Here, we make a selection to discuss the utterance of a student-author, materialized in the chronicle *Médico pra quê?* (Doctor for What?), in which she engages with certain social discourses that sought to downplay Covid-19 in Brazil. The analysis, supported by the principles of the Philosophy of Language, particularly those of Bakhtin and Voloshinov, allows us to assert that it was in the construction of the utterance, at the intersection of the social voices with which the student dialogued, that she shaped her chronicle. To do so, she employed stylistic and compositional resources, not naively, but based on the meanings constructed, aiming to build her contraposition word, that is, her own word derived from another's word. In this sense, the student-author developed a project of saying woven with dialogical threads, reinforcing the idea that the word as an utterance is always laden with evaluative tones and has two faces- such as in the chronicle *Médico pra quê?*- determined both by who speaks and by whom it is addressed to: the other-reader.

Keywords: Authorship. Counter-word. Statement.

PALAVRAS INICIAIS

A Filosofia da Linguagem, especialmente as ideias dos estudiosos Valentin Volóchinov e Mikhail Bakhtin, vêm alargando as discussões em torno da linguagem na relação direta com a vida, com a sociedade e com a cultura. Nas últimas décadas, por exemplo, muito se tem discutido sobre a leitura e a escrita na escola a partir dessa perspectiva teórica.

Sem dúvida, os estudos desses autores são importantes para o recrudescimento do debate sobre a linguagem, pois a concebem na sua concretude, encharcada da cultura da vida real, e não como lava petrificada, imóvel construída abstratamente para ensiná-la aos alunos como um objeto acabado (Volóchinov, 2018). É a linguagem viva, tomada como de natureza humana, histórica e social que, ao mesmo tempo, cria, promove e expressa cultura.

Para o autor, a linguagem se concretiza por meio do enunciado, que possibilita posicionamentos do falante e o oferecimento da contrapalavra ao interlocutor, em situações concretas de uso da linguagem numa conduta autoral. Isso significa que o enunciador leva em conta o enunciado do outro, na vida real, num movimento de dialogia para construir o seu projeto de dizer materializado em gêneros do enunciado ou do discurso.

Os enunciados escritos, inclusive quando se trata de gêneros literários – conto, romance, crônica, entre outros - são potentes condensadores de ideologias, que refletem e refratam questões sociais. Logo, é preciso olhar “mais detalhadamente alguns aspectos do enunciado artístico fora da arte, o discurso cotidiano comum, posto que neste encontram-se os fundamentos, as potencialidades de uma forma artística futura” (Volochínov, 2013, p. 77).

Na mesma linha de pensamento, ao tratar da formação da consciência ideológica, Medviédev assinala que a arte literária ocupa lugar relevante nesse processo, pois

assim, como as artes plásticas ensinam o nosso olho a ver, aprofundam e ampliam a área da visão, da mesma forma os gêneros literários bem consolidados enriquecem nosso discurso interior com os novos procedimentos de tomar consciência e compreender a realidade (Medviédev, 2012, p. 198).

Nessa perspectiva teórica, a questão da autoria é indissociável do enunciado, ou seja, do signo ideológico como matéria-prima para a construção de sentidos, uma vez que a autoria é produto da atividade humana, que se efetiva por meio da linguagem de natureza social, dialógica e ideológica.

Embora essa seja uma questão muito cara à educação brasileira, a formação autoral do aluno ainda é um dos grandes desafios enfrentados pela escola em todos os níveis de ensino. “Vale nota? Quantas linhas?” Perguntas com as quais os docentes ainda se deparam em sala de aula, quase cotidianamente, indicam que muitos estudantes não se apropriaram da escrita como instância do seu dizer.

Isso se deve, em grande parte, a uma ideia incrustada, petrificada e, infelizmente comum no meio escolar de que a língua como sistema deve prevalecer sobre a linguagem viva e pulsante. Sobre isso, Geraldi (2015, p. 185) explica:

[...]. Ensina-se a classificar palavras ou orações de um período, e pretende-se justificar este ensino com a necessidade que têm os estudantes de aprender a classificar ideia de que sabe escrever

apenas quem domina os mecanismos de normatização da língua, como a pontuação e acentuação [...].

O que poderia levar, então, o aluno a envolver-se na escrita de textos e a desenvolver uma conduta autoral? O que poderia provocá-lo para dizer alguma coisa, a alguém, por algum motivo, numa situação concreta de uso da palavra? Evidentemente que não seria o fato de cumprir uma tarefa para receber nota, descolada da concretude da vida, mas vivê-la, como ato cultural, vinculado a um querer dizer alguma coisa a alguém, com intencionalidades e com necessidades, que só existem coladas à vida real (Arena, 2017). Portanto, desse ponto de vista, o objeto cultural que deve ser ensinado na escola é o enunciado, materializado nos gêneros do enunciado ou do discurso. Sobre isso, Miller (2020, p. 3) explica que

no plano da produção escrita, o trabalho com enunciados implica a produção de sentido para o outro e um leitor a quem se destina o produto que daí decorre, e, com isso, conduz o aluno a entrar no circuito dialógico que congrega sujeitos sociais que compõem os diferentes discursos em uma determinada comunidade linguística.

Na mesma linha de pensamento, ao tratar do processo de ensino-aprendizagem da escrita na escola, Miller (2017, p. 24) enfatiza que os discursos são constituídos entre os sujeitos, nas relações sociais, logo, “aprender essas formas só pode se tornar viável pela vivência dessas relações, e isso se efetiva quando o trabalho pedagógico é direcionado para o ensino-aprendizagem dos gêneros do enunciado”.

Isso porque falamos, lemos e escrevemos sempre por meio de gêneros do enunciado, considerando seus significados acerca de alguma coisa a alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico e em determinadas circunstâncias de interlocução (Bakhtin, 2011; Volóchinov, 2018); assim o ensino-aprendizagem dos gêneros deve centrar-se nas práticas de linguagem desenvolvidas na vida cotidiana.

Para tal realização, é necessário que a escola, como promotora de formação humana, tome a linguagem como processo de construção dessa formação, cujo objetivo seja criar condições aos alunos, de modo sistemático, para lidarem com a palavra nas diversas manifestações linguísticas das quais dependem para se comunicar, interagir, apreender, expressar. Entendo que, ao ancorar o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita nos gêneros como práticas sociais dos alunos, o professor possibilita que eles dialoguem com as vozes sociais impregnadas nos discursos e ofereçam sua contrapalavra, possibilitando a formação de uma conduta autoral.

Na perspectiva de gênero adotada, é importante refletir sobre a crônica não só a partir da sua construção composicional, do estilo e do tema, mas tomar sua dimensão verbal na liga com a potência enunciativa desse gênero, pois conforme bem diz Candido (1992, p. 20), crônica é vida; nela “tudo é motivo de experiência e reflexão [...] que nos transporta ao mundo da imaginação para voltarmos mais maduros à vida, conforme o sábio”. Entendemos, então, que esse gênero, possibilita que o aluno, por meio dos atos culturais de escrita e orientado pela linguagem de natureza dialógica, ideológica e social, reflita sobre questões do seu tempo e do seu espaço para compor seu discurso.

No bojo dessas reflexões, este artigo tem como objetivo pôr em discussão o enunciado de uma aluna-autora para a composição de um livro de crônicas e para a postagem em uma rede social. Essa crônica foi produzida durante um experimento didático-formativo, com alunos do curso Técnico Florestas, do IFRO *Campus Ji-Paraná*, no ano de 2022.

Neste artigo, discutimos o modo como a aluna-autora Fernanda Torres - nome fictício escolhido por ela própria - fez a apreensão da sua realidade por meio da crônica *Médico pra quê?* Importante esclarecer que a criação dessa crônica ocorreu em quatro versões, ou seja, foi um processo dialógico, de negociação e escolhas, no qual esteve em jogo a articulação entre a gramática e a estilística, assim como a interação entre a autora, os colegas de turma e comigo: a professora. Nesse processo, procuramos atentar-nos ao

que preconiza Bakhtin quanto ao conceito de linguagem dialógica para o trabalho com a gramática.

Buscamos lançar um olhar sociológico ao modo como ela usou a linguagem para além das características aparentes da crônica, mas partindo da relação da sua palavra, carregada de sentidos, com a vida real e com a situação extraverbal que a engendrou – o período pandêmico. Procuramos, ainda destacar aspectos valorativos, em especial, à forma dialógica com que ela usou a linguagem para se posicionar diante de alguns discursos circulantes à época e o modo como selecionou estratégias estilísticas, lexicais, semânticas e estruturais para compor um estilo pessoal e, com isso, constituir-se autora do seu projeto de dizer.

O GÊNERO CRÔNICA COMO OBJETO HISTÓRICO E CULTURAL

A linguagem é uma criação humana, que não surgiu por uma ação sobrenatural, mas como resultado das necessidades e ações dos homens, na sua relação com a natureza, ou seja, diretamente ligada à atividade dos homens, ao trabalho. Assim, ao abordar essa questão, Volochínov (2013, p. 141) explica que a linguagem é “[...] produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou”.

Nesse sentido, o ponto de partida para compreendermos a questão dos gêneros, conforme postularam Bakhtin (2011) e Volochínov (2013), é o vínculo intrínseco existente entre a linguagem, na perspectiva do enunciado, e as atividades humanas. Para os autores, as palavras que usamos para falar e escrever configuram-se como enunciados porque atendem a uma necessidade concreta de dizer e de escrever. O enunciado carrega para o discurso, no interior das esferas de atividade humana, as intencionalidades do falante e escrevente, sempre tomando um interlocutor como referência. Logo, “não se produzem enunciados fora das esferas de ação, o que implica que eles são determinados pelas condições específicas e pelas finalidades de cada esfera” (Fiorin, 2018, p. 154).

Esses enunciados são organizados em forma de gêneros, que são quase infinitos, visto que também são quase inesgotáveis as esferas de atividade humana. Na teia dos enunciados, falamos, lemos e escrevemos sempre por meio de gêneros quer seja na escola, na igreja, nas relações de amizade, no trabalho em uma empresa de grande porte em São Paulo ou na atividade pesqueira do ribeirão no interior da Amazônia “até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nós moldamos o nosso discurso por determinadas formas de gênero, às vezes padronizadas e estereotipadas, às vezes mais flexíveis, plásticas e criativas [...]” (Bakhtin, 2011, p. 282).

Como todos os gêneros, é preciso considerar o fato de que a crônica é *relativamente estável*, ou seja, nasce, vive e se transforma ao longo da sua existência para atender às transformações que ocorrem no interior das esferas por onde circula. Importa aqui enfatizar que, assim como postula Bakhtin (2016, p. 20), o destaque no vocábulo reforça a ideia de historicidade dos gêneros. Para o autor, “[...] os gêneros discursivos são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”. Assim, a crônica também tem a sua história que, a iniciar pelo seu nome, vincula-se numa relação estreita com a noção de tempo na cultura ocidental. Como explica Moisés (1982, p. 245), a crônica

vem do grego *Cronikós*, relativo a tempo (*chrónos*) pelo latim *chronica*, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha de tempo, isto é, em sequência cronológica (destaques na fonte).

Em sua gênese, a crônica destinou-se a breves relatos de eventos, narrados na ordem cronológica dos acontecimentos, ou seja, se os discursos relatassem as relações no interior de algum grupo social poderiam ser vistos como crônica, desde que fossem organizados em um tempo linear (Pereira, 2004). Já a crônica moderna, como explicam Bender e Laurito (1993, p. 15), teve origem na imprensa francesa e se adaptou à imprensa brasileira. Inicialmente, no século XIX, ocupou os folhetins, que eram os espaços

considerados ociosos no rodapé do jornal, “destinados a entreter o leitor e a dar-lhe uma pausa de descanso em meio à enxurrada de notícias graves e pesadas que ocupavam as páginas dos periódicos”. Apesar de a crônica moderna ter origem na França, ela se estabeleceu com peculiaridades tão próprias do Brasil que Arrigucci (1987) avalia que se trata de um gênero literário tipicamente brasileiro, pois aqui se aclimatou de tal modo, que parece nosso.

Quanto à discussão nos meios acadêmicos sobre a crônica ser um gênero híbrido ou literário, Bender e Laurito (1993) consideram-na um gênero que junta elementos da literatura, do jornalismo e da vida sociocultural das pessoas. Coutinho (2004) enfatiza a natureza literária da crônica apontando que, além da personalidade de gênero, a crônica tem assumido um desenvolvimento que faz dela uma forma literária. Independentemente do veículo de divulgação, a natureza da crônica é literária, pois nela se percebe a arte da palavra. Para o autor,

[...] enquanto o jornalismo tem no fato seu objetivo, seu fim, para a crônica o fato só vale, nas vezes em que ela o utiliza, como meio ou pretexto, de que o artista retira o máximo partido, com as virtuosidades de seu estilo, de seu espírito, de sua graça, de suas faculdades inventivas. A crônica é na essência uma forma de arte [...] (Coutinho, 2004, p. 305).

É evidente que os suportes em que circularam a crônica ao longo da sua história foram definidos nas interações sociais nas diversas esferas de atividade humana; assim, quando, inicialmente, foi publicada no jornal impresso, por exemplo, dirigia-se aos leitores de jornal; daí ser considerada um gênero híbrido, efêmero, que partia de uma notícia e envelhecia rapidamente tal qual o próprio jornal. A migração para outros suportes, como o livro impresso e, posteriormente virtual, foi uma das causas que fez romper com o caráter de efemeridade do gênero.

Ao descrever a crônica, assim diz Arrigucci (1987, p. 51):

[...] despretensiosa, próxima da conversa e da vida de todo dia, a crônica tem sido, salvo alguma infidelidade mútua, companheira quase que diária do leitor brasileiro. No entanto, apesar de aparentemente fácil quanto aos temas e à linguagem coloquial, é difícil de definir, assim como tantas coisas simples.

É justamente pela sua liberdade, despretensão e simplicidade que a crônica é um gênero avesso às classificações, portanto, não é de interesse aqui empreender rigor para conceituá-la ou apresentar algum tipo de classificação, mas de pensar a crônica como sendo a materialização de enunciados criados por uma aluna-autora, na sua experiência vivida, como se fosse uma conversa na calçada em fim de tarde, por meio da linguagem dialógica, leve, temperada com uma dose de humor, lirismo e sensibilidade.

Para Candido (1992), é um gênero que, mesmo ao rés-do-chão, não pode ser considerado menor porque é um condensador de valorações sociais. Portanto, aqui interessa a crônica tomada como um enunciado que se renova a cada interação verbal na relação dialógica entre autor e leitor, por isso, não se esvai na fugacidade do tempo.

Assim, a ideia que trazemos neste escrito é a de crônica como sendo um gênero literário, que sofreu (e continua sofrendo) transformações ao longo da sua existência em função da sua historização. Hoje, podemos dizer, é livre, pois não se prende a esse ou aquele formato; é fluida, dinâmica e se transforma como a própria sociedade que ela observa com o olhar atento e ideológico do cronista. É, portanto, desse lugar que o autor traz questões humanas para a arena de palavras, pois não há crônica que se aparte da reflexão, da crítica e do argumento. Isso tudo remete ao aluno como autor e no seu papel de enunciar questões do seu tempo e do seu espaço a partir do modo como apreende a realidade.

A PALAVRA NA VIDA E A PALAVRA NA CRÔNICA: O OLHAR MIÚDO PARA A EXPERIÊNCIA VIVIDA

Para enxergar as miudezas da vida, o cronista observa atentamente o cotidiano, dispensando para sua realidade um olhar investigativo e, ao mesmo tempo, sensível para captar o que geralmente não está explícito no singelo e no costumeiro, ou seja, para colher o miúdo, precisa desenvolver um olhar também miúdo, não no sentido de olhar pequeno, apressado, mas perspicaz, capaz de pinçar fragmentos da vida real que, muitas vezes, se escondem de olhos menos atentos. Nas palavras de Sá (1985, p. 48):

[...] para ver além da banalidade, o cronista vê a cidade com os olhos de um bêbado ou de um poeta: vê mais do que a aparência, e descobre, por isso mesmo, as forças secretas da vida. Não se limita a escrever o objeto que tem diante de si, mas o examina, penetra-o e o recria, buscando sua essência, pois o que interessa não é o real visto em função de valores consagrados.

Penetrar o objeto, como diz o autor, significa colher na vida a matéria-prima para a constituição do enunciado. E não há de ser uma colheita apressada; o cronista deve olhar demoradamente para a situação, colocá-la contra a luz e examiná-la para conhecer todas as suas particularidades, até mesmo aquelas escondidas nos discursos que induzem, não raro, a olhares fragmentados. Dessa forma, para se tornar autora de crônica, foi preciso que a aluna Fernanda Torres partisse das suas distintas experiências vividas, olhando do seu lugar social as situações cotidianas para extrair delas o material a ser enunciado.

De acordo com Volóchinov, a obra literária reflete e refrata a ideologia do cotidiano em interação com os intercâmbios socioculturais valorativos dos sistemas ideológicos formados. Dessa forma, somente “à medida que a obra é capaz de interligar-se ininterrupta e organicamente com a ideologia do cotidiano de uma época, ela é capaz de ser viva dentro dela (é claro, em um dado grupo social)”. (Volóchinov, 2018, p. 214). Separada desse processo, diz o autor, a obra de arte deixa de existir, por não poder ser vivida como algo que possa ser percebido ideologicamente.

Na mesma linha, Medviédev (2012, p. 60) postula que “o meio ideológico é a única ambiência na qual a vida pode realizar-se como objeto da representação literária.”.

O autor explica que não pensamos com palavras soltas, mas que existe um fluxo de discurso interior que se forma exteriormente por meio de conjuntos da unidade dos enunciados. E nesse contexto,

a literatura ocupa um lugar importante nesse meio ideológico. Assim, como as artes plásticas ensinam o nosso olho a ver, aprofundam e ampliam a área da visão, da mesma forma os gêneros literários bem consolidados enriquecem nosso discurso interior com os novos procedimentos de tomar consciência e compreender a realidade. (Medviédev, 2012, p. 199).

Portanto, considerar o reflexo e a refração ideológica da existência humana como conteúdo da crônica *Médico pra quê?* foi condição imprescindível porque “[...] qualquer enredo como tal é uma fórmula de vida refratada ideologicamente. Essa fórmula é constituída pelos conflitos ideológicos, por forças materiais já refratadas ideologicamente.” (Medviédev, 2012, p. 61). O autor ainda acrescenta que não poderá haver enredo, nem motivo para a existência de uma obra literária se as forças emotivas e valorativas refletidas e refratadas ideologicamente forem desconsideradas pelo autor.

Para compreender os enunciados materializados na crônica em questão à luz dessas ideias é necessário levar em conta o que disse Volóchinov sobre a principal característica da palavra: é um signo ideológico por excelência. Essa característica resulta de que a palavra é puramente signo; possui capacidade de converter-se em discurso interior para formar a consciência do sujeito e acompanha todo ato ideológico, já que os processos de compreensão dos fenômenos ideológicos dependem da participação do discurso interior. Desse modo,

Se nossa consciência é sígnica, está repleta de signos nunca neutros porque produtos da história, somos todos produtos da história: mutáveis, múltiplos e singulares. Irrepetibilidades e responsabilidades irreversíveis. Não podemos alegar qualquer álbi para a existência: não podemos dizer “não estamos aqui”. E estar aqui é uma resposta a si mesmo e ao

outro, com o qual necessariamente estamos e a quem dizemos “estou aqui”. (Geraldí, 2015, p. 173, destaque na fonte).

A pandemia ofereceu a temática para a aluna olhar para a vida cotidiana e a recriar por meio de uma crônica encharcada da vida. E, como sujeito existente nesse tempo-espaço, não houve alibi que lhe permitissem dizer: “não estou aqui”. O desenho que se forma a partir dessa reflexão indica o papel nuclear da ideologia do cotidiano na construção do discurso e no desenvolvimento da consciência, pois tem ligação direta com cada enunciado que se encontra no meio social do qual o sujeito faz parte.

EM TEMPOS DE PANDEMIA: UMA CRÔNICA ENCHARCADA DA VIDA

Na visão de Bakhtin e de Volóchinov, é nas escolhas e decisões pertinentes à construção de determinado gênero que se insere a tríade da sua constituição. Logo, um gênero possui conteúdo temático, estilo e construção composicional que, por fazerem parte do projeto discursivo do autor, não podem ser analisados apartados, muito menos descolados da natureza do enunciado. A análise que desconsidera a dimensão enunciativa do gênero resulta em um estudo linguístico de caráter formal e abstrato que, conseqüentemente, ignora a questão da historicidade e desfavorece a ligação entre a linguagem e a vida.

Com base nisso, pensar no conteúdo temático da crônica é reportar-se à sua relação discursiva com a realidade, ou seja, sua finalidade, seu sentido; portanto, o conteúdo temático corresponde ao objeto do discurso e abrange as diferentes atribuições de sentido. Com esse entendimento, certamente é na vida pulsante que o autor da crônica busca seu tema, a partir dos sentidos que constitui para cada situação cotidiana narrada. Para Costa-Hübes (2014, p. 11),

[...] é importante compreendermos que o tema (ou conteúdo temático) atua nos gêneros para situá-los nas situações interativas, representando as diferentes formas de conceber a realidade. Desse modo, o conteúdo temático diz respeito à maneira como o gênero seleciona elementos da realidade e como os trata na constituição de seu conteúdo temático.

Volochínov destaca a importância de se considerar o contexto extraverbal configurado pelo horizonte espacial comum aos falantes, o conhecimento comum a eles, bem como a avaliação comum da situação. O autor critica os formalistas russos da sua época quanto à valorização da forma e ao esvaziamento da ideologia na literatura e defende que a palavra sempre “[...] tem um *significado*, *denota* um objeto ou uma ação, ou um acontecimento, ou uma experiência psíquica” (Volochínov, 2013, p.132, destaques na fonte). O autor adverte que é preciso considerar a obra na sua totalidade, por isso é fundamental que o leitor considere o cronotopo - quando e onde o enunciado foi produzido. Ele tem de procurar a sua totalidade, precisa voltar-se para o contexto histórico e cultural de produção para perceber os movimentos de reflexão e refração que impregnam os enunciados.

Com efeito, a crônica em análise traz a pandemia como conteúdo temático e revela como a aluna-autora concebeu a realidade caótica instalada pelas condições sanitária, econômica e social - situações sobre as quais se debruçou agudamente para apreender aspectos profundos e os transformar em enunciados, ao abordar o caso do ex-governador de Rondônia Ivo Cassol, quando postou um vídeo nas redes sociais com mais uma “receitinha milagrosa” para curar a Covid. O material viralizou, dando origem a outros discursos, materializados, principalmente, em memes. Em estudo sobre os memes, Furtado (2019, p. 7) se reporta a Volóchinov e a Bakhtin para dizer que

os memes são discursos que nadam contra as correntes que querem nos afogar, nos aprisionar em padrões pré-estabelecidos [...] são discursos sobre discursos, enunciações sobre enunciações, reportando acontecimentos do presente, mas com os olhos voltados tanto para o passado - num retorno de significações - quanto para o futuro - num eterno por vir de ressignificações.

A autora recorre à figura mitológica de Jano Bifronte², também utilizada por Bakhtin (2011), para dizer que os memes reportam acontecimentos do tempo presente, mas também se voltam para o passado para produzir significados; são ambíguos, contraditórios, paradoxais, pois, ao mesmo tempo que causam o riso, provocam também reflexões. A aluna, então, dialogou com as vozes circulantes no vídeo, que se tornou meme, apresentado na figura 1 e articulou-a aos discursos do presidente da república e do ministro da saúde, à época, para construir sua contrapalavra.

Figura 1: Vídeo Raios UV de solda contra Covid.



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uUd2jPhWEQk>.
Acesso em 18 de setembro de 2024.

O meme, assim como todo enunciado, dialoga com outros enunciados de alguma forma, pois toca “[...] os milhares de fios ideológicos já tecidos por outros enunciados na consciência ideológica de dado objeto da enunciação em seu acontecimento histórico e

² Jano Bifronte é ser mitológico de duas faces: uma delas é voltada para a frente, para o futuro; e outra que se volta para trás, para o passado.

social” (Furtado, 2019, p. 66). E Fernanda Torres teceu sua crônica por esses fios. É que vemos a seguir.

Já vi quase tudo nesta pandemia, inclusive um excelentíssimo senhor fazendo horas extras como médico e prescrevendo tantas receitas pra curar a covid, que já nem é mais 19: evoluiu pra 21, por conta das variantes que perambulam por aí, claro, com a ajudinha de quem não leva a sério esse vírus letal. É, meu povo, a gripezinha já ficou adulta e tem filhos. Ser atleta não é mais vantagem e já não tem mais chá de duas mil ervas que dê jeito de curar tanta gente infectada.

E as receitas milagrosas não param de surgir, elas prometem curar quase todos os males causados pela pandemia. A economia não vai bem? É só não fazer mais lockdown. Hospitais lotados? É só tratar com cloroquina em casa. Aumento no índice de pobreza extrema e pessoas passando fome? É só usar o auxílio emergencial (que ajuda, mas não resolve).

E quando eu achei que já tivesse visto de tudo, aparece uma criatura brilhante com mais uma receitinha. Ao mexer nas redes sociais outro dia, me deparei, estarecida, com um vídeo de um senhor bem conhecido no meio político da região norte, fazendo alarde de uma descoberta incrível. Esse conseguiu superar as besteiras acumuladas pela humanidade no decorrer dos séculos. Pra que cloroquina, ivermectina, vacina e outras inas que existem por aí? Só precisamos de solda. É isso mesmo, solda! Um pouquinho da fumaça e das faíscas e... Pronto. Tudo resolvido. A poção mágica que limpa o pulmão, melhora a respiração e ainda extermina com todas as variantes do coronavírus. Acredita?! Nessa, nem o excelentíssimo pensou.

E não vamos esquecer a receita de outro digníssimo senhor que já administrou a saúde pública: só precisamos ter calma, não tem razão essa angústia toda para a chegada da vacina porque “a logística é simples”. Simples pra quem? Logística cura doenças? É cada coisa. E o pior é que tem gente que acredita nesses mimimis.

Deixando a ironia um pouco de lado, vou falar seriamente... Perdão, não vou, é mais forte que eu. Médico pra que, se todo mundo pode dar pitaco na saúde? Acho até que vou marcar uma consulta com o meu prefeito... Será que ele tem espaço na agenda?

Já no primeiro parágrafo, a aluna-autora busca em alguns discursos ideológicos do cotidiano brasileiro, no período pandêmico, os elementos necessários para criticar as ações do presidente da república, moldando seu enunciado com um tom irônico. Ela se

dirige a ele como “excelentíssimo senhor” e recobra, do presidente, alguns enunciados polêmicos quando tratou levemente a Covid-19 como “gripezinha” e a ele próprio como “atleta”. Ela chama a atenção para esse senhor a quem ela responsabiliza pela evolução da doença, afinal, foi em virtude da sua postura negacionista e do descrédito em relação à ciência, reiterado em seus discursos, que o vírus chegou ao que ela chama de versão “Covid-21”, fazendo alusão ao ano de 2021, quando muitas pessoas morreram na sua cidade em virtude dessa doença.

A linguagem informal, como se fosse uma conversa entre amigos, é caracterizada pelo modo como Fernanda Torres articula os elementos constitutivos do gênero, logo no primeiro parágrafo, em especial, ao modo como dialoga com o leitor, por meio do vocativo “meu povo”. O conjunto desses elementos já dá o tom no primeiro parágrafo: a autora emprega a ironia, o coloquial para puxar conversa com o leitor. Entretanto, não o faz como transcrição exata de uma frase colhida no seu cotidiano, mas como

[...] a elaboração de um diálogo entre o cronista e o leitor, a partir do qual a aparência simplória ganha sua dimensão exata. O dialogismo, assim, equilibra o coloquial e o literário, permitindo que o lado espontâneo e sensível permaneça como elemento provocador de outras visões do tema. (Sá, 1985, p. 11).

Os recursos estilísticos empregados por ela não são aleatórios, ao contrário, estão repletos da intencionalidade, confirmando que “a palavra tomada isoladamente, como fenômeno puramente linguístico, não pode ser verdadeira, nem falsa, nem atrevida, nem tímida” (Volochínov, 2013, p. 77).

Para Bakhtin (2019, p. 23), “as formas gramaticais não podem ser estudadas sem que se leve em conta seu significado estilístico. Quando isolada dos aspectos semânticos e estilísticos da língua, a gramática inevitavelmente degenera em escolasticismo”. Assim como Volóchinov (2018), o autor critica os estudos empreendidos pela linguística à sua época, alegando que não contemplavam os fenômenos dialógicos da linguagem, por isso

defende a instauração de uma estilística metalinguística, voltada para as questões discursivas que superam os limites da linguística. A estilística deveria, então, basear-se não apenas e nem tanto na linguística, quanto na metalinguística, que estuda a palavra no campo propriamente dito da comunicação dialógica, ou seja, no campo da vida autêntica das palavras.

Apoiamo-nos nesse pensamento para compreender, dentre outros recursos empregados pela aluna, a expressão “chá de duas mil ervas”. Se o numeral cardinal for tomado em sentido literal, isolado da intencionalidade da autora e da relação dialógica que pretende empreender com o leitor, a expressão poderia causar estranheza. No final do parágrafo “[...] não tem mais chá de duas mil ervas que dê jeito de curar tanta gente infectada”, essa expressão hiperbólica potencializa o questionamento da voz que defende o uso de medicamentos não eficazes contra a doença. A intencionalidade não é subestimar a medicina alternativa, mas evidenciar a desvalorização da ciência por parte de algumas pessoas representativas do Estado. O “excelentíssimo senhor” volta à arena de palavras para novo embate no parágrafo seguinte.

A ideia de que as receitas prescritas não atendem ao rigor científico é reforçada pelo adjetivo “milagrosa”, logo no início do segundo parágrafo, “e as receitas milagrosas não param de surgir, elas prometem curar quase todos os males causados pela pandemia”. Posteriormente, a autora faz perguntas que remetem diretamente aos problemas enfrentados, em especial, pela classe pobre durante a pandemia, e as responde com as falas do senhor que representa o Estado brasileiro: “a economia não vai bem? É só não fazer mais lockdown. Hospitais lotados? É só tratar com cloroquina em casa [...]”.

Ela não apenas reproduz a palavra alheia, mas oferece sua contrapalavra ao empregar o advérbio “só”, no intuito de atribuir, ironicamente, um sentido de que os problemas físicos, emocionais, econômicos e sociais oriundos da Covid-19 podem ser resolvidos com ações simplistas. Ao usar tal recurso expressivo, a autora atribui a ele uma entonação valorativa, assim como dá pistas para outros elementos que poderão ser mobilizados para a compreensão da crítica política que faz ao longo da crônica.

Ao abordar o problema da percepção avaliativa do discurso alheio, Volóchinov (2018, p. 254) diz que “o enunciado alheio é percebido não por um ser mudo [...], mas por um ser humano repleto de palavras interiores” as quais, segundo o autor, são tomadas das suas vivências. Explica ainda sobre as várias percepções que um sujeito pode ter do discurso alheio ao trazê-lo para o seu próprio discurso. No caso da aluna-autora Fernanda Torres, a dinâmica da mútua orientação entre o seu discurso e as vozes com quem dialoga, ocorreu por um processo diametralmente oposto, pois ela intenta apagar os contornos da palavra alheia.

A percepção em relação ao discurso alheio e a forma como articula as vozes dos políticos com os quais dialoga no texto é aguçada. No trecho “Pra que cloroquina, ivermectina, vacina e outras inas que existem por aí? Só precisamos de solda”, a aluna vai além do “chá de duas mil ervas” e traz elementos explícitos do discurso que defende medicamentos farmacêuticos sem eficácia comprovada para depois apresentar uma receitinha ainda mais simples, barata e acessível: a solda.

Nesse mesmo parágrafo, ela ainda provoca a outra voz, trazida logo no primeiro parágrafo, ao dizer que a receitinha da solda é superior às prescritas pelo “excelentíssimo senhor”. Destaque para o substantivo “receitinha” flexionado no grau diminutivo, que também entra no jogo de sentidos pretendido por ela. Importante destacar a primeira pessoa do plural empregada pela aluna-autora para colocar-se ao lado do leitor: como que numa conversa informal, ela pergunta se ele acredita no discurso político (poção mágica). Embora o cronista “seja de carne e osso, de nervos e músculos, e nunca personagem ficcional, ele representa um ser coletivo com quem nos identificamos e através de quem procuramos vencer as limitações do nosso olhar” (Sá, 1985, p. 15), desse modo, ao optar por essa flexão em número e pessoa, ela faz ecoar também outras vozes convergentes à sua.

É importante comentar como é construído o alinhavo dos enunciados para construir seu projeto de dizer, valendo-se do jogo semântico da ironia, que atravessa o enunciado do primeiro ao último parágrafo para penetrar no discurso político, como se

pode ver no último parágrafo “médico pra que, se todo mundo pode dar pitaco na saúde? Acho até que vou marcar uma consulta com o meu prefeito... Será que ele tem espaço na agenda?”.

A palavra ironia vem do grego *eironeia*, que remete à dissimulação (Fiorin, 2011); ao empregá-la, como no trecho acima, esse fingimento de dizer uma coisa para dar a entender exatamente o oposto consiste num enunciado, pois é utilizada para criar sentidos que vão do gracejo, até o sarcasmo, passando pelo escárnio, pelo desprezo, entre outras intenções do autor. Ritter (2009, p. 14) destaca que

na crônica, o tom humorístico, irônico e despretensioso do autor funciona como o lugar do estabelecimento e da ancoragem da entonação do gênero (um tom autorizado) e da sua atitude valorativa. Como sabemos, atrás da ironia existe um jogo político e ideológico onde se permite que as críticas sociais, as depreciações, as difamações sejam feitas sem causar muita tensão entre os interlocutores. Assim, podemos considerar que a finalidade discursiva se orienta para a reflexão do interlocutor, via provocação do riso.

Nesse ponto, atentamos também para o emprego da palavra onomatopaica *mimimis*, que se tornou, atualmente, um bordão no discurso político da extrema direita no Brasil e, para discuti-la no discurso da aluna, apoiamo-nos em Volóchinov (2018, p. 181, destaque na fonte):

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis e assim por diante. *A palavra está sempre repleta de conteúdo e de significação ideológica ou cotidiana.*

A palavra, como sinal gráfico, é incolor e só adquire tonalidade quando se torna enunciado. Isso porque os sentidos não são claros na palavra em si, mas nos contextos dialógicos em que é inserida. É o que ocorre com o signo verbal “mimimi” que, no contexto da pandemia foi usado por alguns grupos sociais para remeter à ideia de

reclamação, de descontentamento da população em relação à postura do governo. Ao colocar essa palavra na arena discursiva, a aluna a utiliza como signo ideológico para fazer uma crítica aos discursos desses grupos. O sentido constituído para a palavra “mimimis”, então, remete a mentiras, falácias, à negação da ciência e politização da doença.

Como já dito, o contexto extraverbal incide diretamente sobre o dizível. Isso porque “a situação extraverbal não é tão somente a causa externa do enunciado, nem atua sobre este com força mecânica externa [...] *a situação forma parte da enunciação como a parte integral necessária de sua composição semântica*” (Volochínov, 2013, 79, destaque na fonte). Nessa perspectiva, o centro organizador dos enunciados da aluna-autora se encontra no seu meio social; por isso nas escolhas das vozes com as quais dialoga, na forma como oferece sua contrapalavra a elas e como se dirige ao leitor estão implicados elementos sógnicos e movimentos que dependeram do acervo social dos signos já existentes.

A interdiscursividade contida na crônica da aluna-autora Fernanda Torres reforça a ideia de que é pela e na interação tensa com as vozes sociais, a partir de um tema (pensamento) comum, que dois ou mais enunciados se confrontam, se completam, se digladiam, se tocam; e, desse modo se relacionam dialogicamente. Quando pensamos o signo ideológico como matéria-prima para a criação literária, não há outra forma de conceber a linguagem senão de natureza social, dialógica e complexa, historicamente real, plurilíngue, fervilhante de palavras futuras e passadas; e ela, senão como uma cronista real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os postulados de Bakhtin, Medviédev e Volóchinov e de estudiosos da Filosofia da Linguagem sustentam a ideia de que a autoria é um processo complexo, tecido na porosidade discursiva do enunciado, construído nas situações concretas de uso da

linguagem, por meio do signo ideológico. Desse ponto de vista, o autor é aquele que oferece sua contrapalavra por meio do ato responsável e responsivo, que tem consciência do seu lugar de sujeito discursivo e que constitui para o ato cultural da escrita, um sentido vital.

A palavra, nesse contexto, é um signo ideológico, considerados os diferentes sentidos que pode tomar, conforme as situações extraverbais em que são enunciadas; e a ideologia da palavra é indissociável do seu emprego concreto. Cada tomada de posição é sempre uma (re) ação enunciativa a partir de algum lugar ocupado socioideologicamente, reverberado na orientação apreciativa da palavra.

A crônica é um gênero dado à simplicidade, uma espécie de prosa fiada, banal. Por isso, o olhar do cronista deve ser de sensibilidade, para captar o amor, a amizade e outras coisas importantes que se perdem no emaranhado da vida. Essas coisas – os temas reais - podem até ser invisíveis aos olhos de muitas pessoas, mas não para o cronista. E mais, é preciso compreender a função social da crônica – sua alma.

Desse modo, engana-se quem pensa que a crônica se destina apenas ao entretenimento e que sua elaboração é simplista, pois a simplicidade por si mesma não é suficiente – “é uma arte difícil essa, de dizer tudo, não dizendo nada” (Alencar, *apud* Chalhoub; Neves; Pereira, 2005, p, 11). Ao contrário, ao abordar temas densos com leveza ou explorar microscopicamente um tema singelo, o cronista sempre o faz com os recursos linguísticos empregados a serviço dos sentidos que constitui a partir do seu lugar no mundo.

Desse modo, a aluna-autora Fernanda Torres utilizou esses recursos linguísticos para buscar suas próprias palavras e compor um dizer alguma coisa a alguém por algum motivo. Nas palavras de Faraco (2013, p. 56) “[...] como diz Bakhtin em seus apontamentos [...], as buscas do autor por sua própria palavra são basicamente buscas por uma posição autoral [...]”.

Pelo visto, podemos dizer que, no processo de composição do seu enunciado, ela formou um novo olhar para a linguagem, para a vida, para si própria e ocupou um lugar

autoral. Isso aconteceu à medida que foi tomando consciência das relações dialógicas travadas tanto no plano da vida quanto no plano da sua criação. Nesse movimento olhou miudamente para a experiência vivida e, como cronista, conseguiu revelar a alma da crônica ao leitor.

REFERÊNCIAS

ARENA, D. B. Considerações em torno do objeto a ser ensinado: língua, linguagem escrita e atos culturais de ler e escrever. In: MORAES, D. R.; GUIZZO, A. R. (org.) *Coletânea de artigos: Humanidades nas Fronteiras*: imaginários e culturas latino-americanas. Foz do Iguaçu: UNILA/UNIOESTE, 2017, p. 11-28.

ARRIGUCCI, D. Fragmentos sobre a crônica. In: *enigma e comentário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 51-66.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. BEZERRA, P. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Trad. BEZERRA, P. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. **Questões de estilística no ensino da língua**. Trad. GRILLO, S; AMÉRICO, E. V. São Paulo: Editora 34, 2019.

BENDER, F; LAURITO, I. **Crônica**: história, teoria e prática. São Paulo: Scipione, 1993.

CANDIDO, A. A vida ao rés do chão. In: CANDIDO, A. *et al. A crônica*: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 13-22.

CHALHOUB, S; NEVES, M. S.; PEREIRA, L. A. M. **História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005.

COSTA-HÜBES, T. C. Os gêneros discursivos como instrumentos para o ensino de Língua Portuguesa: perscrutando o método sociológico bakhtiniano como ancoragem para um encaminhamento didático-pedagógico. In: NASCIMENTO, E. L.; ROJO, R.

(Org.) **Gêneros de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade**. São Paulo: Pontes, 2014. p.13-34.

COUTINHO, A. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2004.

FARACO, C. A. Autor e autoria. *In*: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2013.

FIORIN, J. L. A arte de fingir uma coisa para dizer outra. *In*: **Revista Língua Portuguesa**. São Paulo, ano V, nº68, p. 42-45, junho 2011.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2018.

FURTADO, R. **Os diálogos do cotidiano nas redes sociais: a liquidez discursiva dos memes**. São Carlos: Pedro & João editores, 2019.

GERALDI, J. W. **Ancoragens: estudos bakhtinianos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

MEDVIÉDEV, P. N. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica**. Trad. GRILLO, S, C.; AMÉRICO, E. V. São Paulo: Contexto, 2012.

MILLER, S. Gêneros discursivos, atividade de estudo e formação do pensamento teórico dos alunos no contexto de uma prática pedagógica humanizadora. *In*: **Ensino Em Re-Vista**, Uberlândia, MG, v.24, n.1, jan./jun./2017. P. 13-35. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/view/37664>. Acesso em 03/02/2025.

MILLER, S. Atividade de Estudo: especificidades e possibilidades educativas. *In*: PUENTES, R. V.; MELLO, S. A. (Org.). **Teoria da atividade de estudo livro II: contribuições de pesquisadores brasileiros e estrangeiros**. - Uberlândia: EDUFU, 2019, p 71-94.

MILLER, S. O ensino e a aprendizagem da leitura e da escrita como um processo humanizador. *In*: **Revista Educação em Análise**, Londrina, v.5, n.1, Jan./Jun. 2020a. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/40185>. Acesso em 05/02/2025.

MOISÉS, M. **A criação literária**. São Paulo: Cultrix, 1982.

PEREIRA, W. **Crônica: arte do útil e do fútil**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

RITTER, L. C. B. Gênero discursivo crônica: um estudo do contexto de produção. *In*: V Siget, Caxias do Sul, p.1-17, 2009. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/arquivos/genero_discursivo_cronica_um_estudo_do_contexto_de_producao.pdf. Acesso em 29/09/2024.

SÁ, J. **A crônica**. São Paulo: Ática, 1985.

VOLOCHÍNOV, V.N. **A construção da enunciação e outros ensaios**. Trad. GERALDI, J. W. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.

VOLÓCHINOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. GRILLO, S.; AMÉRICO, E. V. Editora 34. São Paulo, 2018.

Data de recebimento: 03/03/2025
Data de aprovação: 04/07/2025